

“Eles num vê uma mulhé na água / (...) eles vê como se fosse um homem”: cronótopos e performances de gênero na pesca em arraial do cabo¹

Maria Aparecida Ferreira^(*)

Resumo

A partir da visão performativa de linguagem e de gênero, este artigo discute como algumas mulheres encenam e legitimam performances de pescadora e problematiza como tais performances atuam na manutenção de performativos de gênero (Butler, 1990; 1993) e de espaços e práticas generificados na pesca (Linsker e Tassara, 2005).

Palavras-chave: Gênero. Territorialidades. Performance. Pescadora.

They do not see a woman in water / (...) they see like being a man": chronotopes and gender performances in fishing in arraial do cabo

Abstract

Based on the performative view of language/gender, this article discusses how some women perform and legitimize fisherwoman performances and questions how these performances work in maintaining gender performatives (BUTLER, 1990; 1993) as well as gendered spaces and fishing practices (LINSKER; TASSARA, 2005).

Keywords: Gender. Territorialities. Performance. Fisherwomen.

Historicamente, a cidade de Arraial do Cabo é conhecida como uma aldeia, ou um arraial, de pescadores (BRITTO, 1999). Desde que cheguei à cidade, em 2010, para atuar como professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), comecei a me interessar pelas histórias, culturas e pelos saberes dos pescadores locais e pelas relações sociais costuradas em meio a tais práticas D/discursivas². Meu interesse por essas redes de saberes e discursos foi tal que se tornou o centro da minha pesquisa de doutoramento, ainda em andamento.

¹ Esse trabalho é parte das reflexões da minha pesquisa de doutoramento em andamento.

^(*) IFRJ – Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: magfer26@gmail.com / maria.ferreira@ifrj.edu.br

² A distinção nas iniciais da palavra D/discurso é sustentada por Gee (1999) para quem o **D**iscurso envolveria instâncias macrossociais, enquanto que o **d**iscurso implicaria aspectos microssociais. Essa distinção, contudo, é feita apenas com o propósito de didatizar a análise de fenômenos

Entrevistando pescadores locais, pude compreender não somente como hierarquias de saberes eram organizadas, como também a divisão e a legitimação de espaços e atividades na pesca³. Essas reflexões têm importância fulcral na cultura local, pois os sistemas produtivos de pesca não são apenas procedimentos técnicos, mas táticas de vida. Ou seja, a organização social dos pescadores ou a cultura da comunidade de pesca seriam uma “prática através da qual os pescadores traçam sua identidade social” (BRITTO, 1999, p. 20). Desse modo, a sociabilidade cabista⁴ “implica *pertencer* a um sistema social determinado no tempo e no espaço, no qual se inscrevem valores simbólicos e histórias de vida comuns” (BRITTO, 1999, p. 43).

Alguns desses valores simbólicos dizem respeito a 1) um “modelo particular de reprodução do conhecimento da natureza” (*id.*), que envolve não somente saberes sobre os ventos, as marés e os peixes, mas também sobre os artifícios da pesca e 2) o complexo direito à pesca, que, em suas práticas culturais, também delimita contornos e possibilidades para existência (ou não) de performances de gênero. Com isso, saliento que as sociabilidades de pescadores/as de Arraial do Cabo são encenadas e legitimadas com base em discussões de gênero, pois, como veremos, até mesmo as reflexões sobre os saberes e as possibilidades de prática da pesca estão imbricadas em performances de gênero.

As questões de gênero/pesca passaram a ficar mais evidentes para mim, quando, em 2012, tive notícia de que “havia na cidade um grupo de mulheres que pescava, ‘transgredindo’ assim um limite histórico de gênero, o mar” (MARENDINO; CARVALHO, 2013, p. 60). Em Arraial do Cabo, existem mulheres que pescam de linha nas pedras, outras que são marisqueiras (catadoras de mariscos) (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / ICMBIO, no prelo) e ainda aquelas que atuam de modo complementar na pesca, como salgadeira, filetadeira e rendeira (FONTENELLE, 1960; MARENDINO; CARVALHO, 2013). Todavia, o mar (ou a lagoa de Araruama) não costuma ser espaço ocupado por pescadoras, já que as

sociodiscursivos. Silverstein (1998; 2003) e Blommaert (2006; 2010) também discutem essa confluência do micro e do macro, ao propor que toda prática **d**iscursiva é também **D**iscursiva, uma vez que há um elo indexical entre essas esferas, ou entre o aspecto singular e o coletivo de todo signo. Por esses motivos, adoto a escrita D/discurso, com as iniciais justapostas, para indexar a visão interpolada que tenho dos níveis micro e macrossociais.

³ Essa divisão de territorialidades de pesca ocorre tanto no nível informal, entre os próprios pescadores/as que disputam os espaços de e o direito à pesca, quanto em uma esfera mais formal, como podemos observar no censo realizado pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), realizado no final de 2012.

⁴ Cabista é aquele que é considerado como pertencente à comunidade (cultural) de Arraial do Cabo.

atividades de pesca são geralmente caracterizadas por demonstrações de força física, resistência, heroísmo e coragem, que seriam traços típicos das masculinidades (MALDONADO, 1986; 1993; CASCUDO, 2002; LINSKER; TASSARA, 2005; COLAÇO; VOGEL; VALPASSOS, 2007).

Assim, ao saber que existiam mulheres pescadoras atuantes tanto no mar quanto na lagoa, interessei-me por ouvir suas histórias e refletir sobre como encenavam e legitimavam suas performances de pescadoras. Com essa pesquisa, pude perceber que, embora as performances de pescadoras ilustrem importantes conquistas das lutas femininas por igualdade de oportunidades, esse mesmo D/discurso de igualdade entre homens e mulheres poderia, por vezes, ratificar algumas fronteiras e espaços para as performances de gênero na cultura da pesca, por não desestabilizar o que se entende por “ser homem” e “ser mulher”. No presente texto, proponho-me, então, a discutir como D/discursos de igualdade de sexo/gênero⁵ entre pescadores/as podem ratificar tanto práticas performativas quanto suas respectivas localizações, privilégios e hierarquias histórico-espaciais.

Performativos e performatividade de gênero

A compreensão de gênero como performativo é sustentada por Judith Butler (1990), que defende que é a iterabilidade de uma performance que promove a aparência de estabilidade, aparentemente inata, às sociabilidades, incluindo, aqui, as de gênero. Essa defesa traz luz à teoria da performatividade, que deriva da discussão sobre atos performativos Austin (1962/1990), sendo, contudo, ressignificada pela leitura de Derrida (1977). A teoria da performatividade “deve ser entendida não como um ‘ato’ deliberado ou singular, mas como a prática citacional e reiterativa pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 1993, p. xi), enquanto silencia os rastros da história da sua constituição “por meio da naturalização de sucessivas reelaborações” (OLIVEIRA, 2010, p. 236).

Em outras palavras, é por meio da citação e repetição de D/discursos generificados que os corpos se materializam e estilizam “modos de ser” caracterizados como masculinos e/ou femininos e geram a impressão de identidade e

⁵ Conforme explicarei adiante, proponho a ideia sexo/gênero por entender que ambos são construções (invenções) sócio-histórico-D/discursivas.

estabilidade. Essa estabilidade ou aparência de substância seria, então, o efeito performativo das contínuas recitações de performances e D/discursos generificados. Analisar a performatividade de gênero dessa perspectiva nos permite compreender D/discursos e performances como práticas corpóreas sócio-históricas e nos convida a refletir genealógicamente sobre como “as subjetividades passam a existir e são sedimentadas com o passar do tempo por meio de atos linguísticos regulados” (PENNYCOOK, 2006, p. 82). Assim, o gênero

prova ser performativo – ou seja, constituindo a identidade que ele pretende ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não seja um fazer por um sujeito que preexista ao feito. (...) o ‘fazedor’ é meramente uma ficção adicionada ao feito – o feito é tudo. (...) Não existe identidade de gênero por detrás da expressão de gênero. Essa identidade é performativamente constituída pelas expressões que parecem ser seus resultados (BUTLER, 1990, p. 25).

Ao afirmar que o gênero é performativo, Butler chama atenção para o fato de que é na ação e na performance que nos constituímos como sujeitos generificados e que, portanto, o gênero é um efeito de práticas D/discursivas e não a causa delas (BUTLER, 1990; 1993; SALIH, 2012). Essa visão não é o mesmo que defender uma visão voluntarista de gênero, já que a ficção de feminilidades e masculinidades que vemos no mundo social é fruto da “repetição estilizada do corpo (...) dentro de um enquadre regulatório altamente rígido que congela através do tempo para produzir a aparência de substância ou de um tipo natural de ser” (BUTLER, 1990, p. 33). Esse enquadre regulatório delimitaria os modos de ser e os espaços de ação socialmente aceitáveis para homens e mulheres, como sendo uma matriz de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 1990). Tal matriz, erguida e legitimada em práticas heteronormativas, normalmente aloca as masculinidades em espaços de maior ação e prestígio social, em detrimento das feminilidades (PRECIADO, 2014).

Associar a matriz de inteligibilidade de gênero a práticas heteronormativas implica refletir não somente sobre questões de gênero, mas também sobre aquelas relacionadas ao sexo e à sexualidade. Com isso não estou defendendo que haja identidade entre sexo e gênero, nem tampouco uma relação linear-causal entre sexo-gênero-sexualidade. Ao contrário, quero dizer que tanto o sexo quanto o gênero são aqui tomados como efeitos de repetições sócio-históricas e práticas D/discursivas. Alinho-me, assim, a Butler (1990, p. 8) ao propor que “o sexo, por definição,

mostrará ter sido sempre gênero”, não somente porque “o gênero não deveria ser concebido como a mera inscrição cultural de significado num sexo pré-dado” (BUTLER, 1990, p. 7), mas também porque “o corpo não tem existência significável antes da marca de gênero” (*op. cit.*, p. 8).

Em diálogo com essa perspectiva, Preciado (2014, p. 25) vai propor que “o sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural, (...) [mas] uma tecnologia de dominação heterossocial”⁶, que ganha materialidade, a partir da contínua repetição de performances socialmente legitimadas. Esse infindável processo de materialização de um gênero “requer uma heterossexualidade tanto estável quanto oposicional” (BUTLER, 1990, p. 22), que seja reiterada e sustentada por uma oposição assimétrica entre possibilidades de performances para o feminino e para o masculino (BUTLER, 1993; PRECIADO, 2014).

Essa relação assimétrica pode ser observada na textualidade dos D/discursos históricos de colonização e ocidentalização (VENN, 2000) e na invenção das relações hierárquicas entre os gêneros (SCOTT, 1986; 1988/1994; MONTROSE, 1991). Convém lembrar, ainda, que a invenção do binarismo de gênero implica a interdependência dos termos (SEDWICK, 1990; LOURO, 2008; SULLIVAN, 2003) e nos direciona para uma visão heterônoma de toda sociabilidade (VENN, 2000), já que, para existirmos socialmente sempre precisamos do reconhecimento de uma alteridade (BUTLER, 2004). No que diz respeito à performatividade de gênero, esse reconhecimento está estritamente relacionado à inteligibilidade de gênero.

Podemos afirmar, então, que a matriz de inteligibilidade de gênero está estreitamente ligada ao pensamento heteronormativo, pois, quando a interpelação fundante propõe “é uma menina” ou “é um menino”, a nomeação generificada desse corpo inicia o processo de materialização do gênero feminino ou masculino, estabelecendo suas fronteiras de ação e comportamento (BUTLER, 1993). Nesse momento, chamo atenção para o potencial do D/discurso na invenção das performances de gênero, já que “é por ser interpelado dentro dos termos de linguagem que a existência social de um corpo se torna possível” (BUTLER, 1997, p. 5). Ou seja, a interpelação D/discursiva não descobre um corpo, mas o constitui.

⁶ Preciado (2014) não discorda de Butler (1990), mas vai além ao discutir também a perspectiva próstética e tecnológica de gênero e sexualidade.

Acerca da nomeação dos corpos e também da matriz de inteligibilidade de gênero, Preciado (2008, p. 91-92) lista uma série de códigos técnico-semióticos para os ideais de feminilidade e masculinidade. Dentre os citados pelo autor, gostaria de destacar alguns, como a preocupação com a maternidade e seus infortúnios e com a descrição tangendo a invisibilidade associadas à performance de feminilidade e, em contrapartida, características que realçariam a virilidade na performance masculina como o falar forte, a agressividade, a força, o suor, ter as mãos sujas e com calosidades, saber ganhar dinheiro e, finalmente, a caça e a pesca.

No caso do presente trabalho, ser interpelada e reconhecida como pescadora significa que, de algum modo, a pescadora encena performances alinhadas aos códigos técnico-semióticos de masculinidade do universo da pesca. Assim, quando uma mulher é interpelada e reconhecida como pescadora em Arraial do Cabo, podemos dizer que ela está repetindo performances estilizadas de gênero/pesca. Como discuto na próxima seção, a pesca no mar, ou na lagoa, não costuma ser um espaço ocupado por mulheres. Por conseguinte, ao encenar performances de pescadoras, essas mulheres estariam transgredindo esses discursos performativos de gênero.

Acerca da transgressão, vale destacar que “transgredir é ir além das fronteiras ou limites estabelecidos por um mandamento ou lei ou convenção, é violar ou infringir. Mas transgredir é também mais do que isso, é anunciar e até mesmo consagrar o mandamento, a lei ou a convenção” (JENKS, 2003, p. 2). Por isso, com um sabor foucaultiano, Jenks salienta a ambiguidade de toda transgressão, uma vez que todo comportamento transgressivo, ao contestar uma regra, um costume ou uma convenção, paradoxalmente, também o ratifica, porque ao desobedecê-los também os coloca em evidência⁷.

Assim, a despeito das transgressões de gênero/pesca, no presente trabalho, o que ganha evidência nas performances encenadas pelas pescadoras aqui analisadas ainda continua sendo a matriz de inteligibilidade de gêneros que propõe enunciados performativos “fixos” para masculinidades e feminilidades. Ou seja, para encenarem suas performances de pescadoras, as mulheres ainda precisam repetir D/discursos

⁷ Além de Jenks, (2003), Scott (1986; 1988/1994; 2000), Butler (1990; 1993), Minh-há e Parmar (1990), Minh-há (1992) são alguns dxs autorxs que discutem esses paradoxos entre repetição-diferença ou entre ruptura-manutenção de práticas D/discursivas. Essa discussão, inclusive, vem sendo o cerne da minha tese de doutoramento. No momento, entretanto, trarei foco apenas à manutenção de certas práticas nos D/discursos de gênero/ pesca, por ser este o foco do presente dossiê.

atrelados à matriz de inteligibilidade de gênero e às territorialidades generificadas na pesca, citando enunciados performativos que apontam para significados estáveis sobre o que significa ser “mulher” e/ou “homem”.

Desse modo, embora concorde que a repetição sempre instaura a diferença (DERRIDA, 1977; BUTLER, 1993; PENNYCOOK, 2010), algumas repetições, quando não analisadas criticamente, podem ratificar binarismos de gênero. Uma vez que o objetivo do presente texto é discutir performances em que os D/discursos de igualdade entre sexo/gênero findam por ratificar as ontologias que deveriam extinguir, na próxima seção, aprofundo a discussão sobre performances e espaços generificados, no contexto da pesca de Arraial do Cabo.

Terra e mar: territorialidades generificadas em Arraial do Cabo

Maldonado (1986; 1993), Cascudo (2002), Linsker e Tassara (2005), Colaço, Vogel e Valpassos (2007) são alguns dos antropólogos que ratificam uma ontologia masculina na pesca, exaltando características como força, resistência, coragem e heroísmo, atribuídas aos homens. Segundo a literatura, “homens e mulheres têm papéis bem delimitados na divisão sexual do trabalho [na pesca] (...). Aos homens fica reservado o dever de garantir o sustento da casa indo ao mar” (CAVALCANTI, 2008, p. 3), enquanto que “às mulheres fica reservado o espaço da coleta de mariscos, moluscos, algas, camarão e coisas que se pode pegar na beira de praias, lagos e rios, ou seja, o extrativismo em geral” (*id.*). Em outras palavras, a mulher tem um lugar na cultura de pesca, mas esse espaço costuma ser associado às atividades na terra e descrito como complementar, secundário e menos visível do que o masculino (MARENDINO; CARVALHO, 2013), muitas vezes em função dos ideais de masculinidade.

Para os autores de “O mar é outra terra”, “ir mar adentro é tarefa masculina. As mulheres pescadoras são, no máximo, marisqueiras – coletam os mariscos, as ostras, os siris e os caranguejos. Só isso. (...). Ou seja, pesca não é serviço de mulher” (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 66). Vale destacar que, dessa perspectiva, a mariscagem não é considerada atividade de pesca, porque acontece à beira de rios ou praias e não necessitam de embarcações. Ou seja, as mulheres podem ser

marisqueiras porque tal prática não é reconhecida como atividade de pesca. Ainda segundo esses autores,

costuma-se justificar essas interdições pela fragilidade física natural feminina e pela necessidade de a mulher cuidar da casa, dos filhos, do marido e das tarefas domésticas. Seu universo é o ‘de dentro’, delimitado pelo interior da habitação, em oposição ao mundo dos homens, que é o ‘de fora’. Os homens são o lado mais forte da sociedade, porque deles depende o sustento da família, obtido do lado de fora e que, em sua atividade, significa essencialmente ter coragem para enfrentar os ventos, as ondas e os mistérios do mar (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 67).

Nessa citação, fica ainda mais evidente a divisão generificada de ações/espços para as possibilidades de atuação no universo da pesca. Os performativos de fragilidade e maternidade são naturalizados como sendo femininos, em oposição à força e à coragem, associadas aos homens. Desse modo, o entendimento de gênero, que emerge dessa citação, vai de encontro ao argumento aqui defendido, pois sugere uma visão pré-discursiva, inata e biológica das práticas generificadas e, por conseguinte, a impossibilidade de alterá-las.

Ainda sobre essa divisão espacial, gostaria de lembrar que se toda linguagem é cronotópica⁸, porque aponta para significados que localizam os sujeitos sociais em espacialidades e temporalidades, afirmar que o universo da mulher é o “de dentro” e que o do homem é o “de fora” sugere uma relação hierárquica de poder e superioridade do masculino sobre o feminino, típica do pensamento patriarcal/colonial do século XVI (VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003; CHANTER, 2006). Ou seja, poderíamos dizer que, segundo Linsker e Tassara (2005) e outros estudiosos, no cronótopos das comunidades de pesca teríamos, para as feminilidades, o espaço da vida privada imbuída de sentidos como submissão e complementaridade, enquanto que para as masculinidades, o espaço “da vida pública”, da força física, da iniciativa e da autonomia.

No tangente à Arraial do Cabo, Fontenelle traz reflexões importantes sobre o cronótopos desse município, com ênfase nas atividades femininas. Segundo esse antropólogo, na década de 60, o homem seria o “chefe e cabeça de um grupo que o respeita, obedece e mesmo teme, reforçando seu prestígio no âmbito da comunidade”

⁸ Bakhtin (1981, p. 84) propõe que cronótopos seria “uma categoria constitutiva formalmente da literatura, [advertindo, ainda que] não pretende lidar com [o conceito] cronótopos em outras áreas da cultura”. Não obstante, esse conceito é amplamente adotado em diversos outros estudos da linguagem e, no presente trabalho, é citado também como tempo-espço, entendidos de forma unívoca.

(FONTENELLE, 1960, p. 10). Ao propor que ser um chefe de família seria uma “meta ambicionada por toda a seção masculina da população; a mulher passa a ser ‘dona de casa’, ‘senhora’, (...), e cuja posição na família era ancilar” (*id.*), Fontenelle ilustra performativos de gênero tradicionais e datados.

Esse autor lembra ainda que a vida da mulher costumava ser marcada por uma austeridade pouco reconhecida pela comunidade. Assim, se por um lado, o homem seria uma sociabilidade exaltada e valorizada, especialmente ao se tornar chefe de uma família heteronormativa, “a posição da mulher na cultura da comunidade não é invejável” (FONTENELLE, 1960, p. 14). Desde cedo, ela é iniciada nas atividades domésticas, como “fazer compras na venda, (...) levar recados, (...) carregar água, observando e imitando a mãe” (*id.*). Essa postura “desenvolve o sentimento de que a mulher está em situação de contínua dependência e deve prestar ao homem, simbolizado na figura do companheiro e ‘dono da casa’, a mesma obediência dispensada aos pais e aos irmãos” (*id.*).

Frente a essas reflexões, percebemos que, no passado recente de Arraial do Cabo, o tempo-espaço social destinado à mulher implica “gravitar ao (...) redor [do homem] e da casa onde ele exerce a autoridade de chefe” (*id.*). Em diálogo com essas crenças, Ferreira e Fialho (2013) apresentam diversas performances narrativas da mais antiga geração de pescadores de Arraial do Cabo, sobre antigos costumes e tradições locais, nos quais a mulher também ocupa um tempo-espaço centrado na vida doméstica, tanto na sociedade quanto na pesca. Segundo um dos pescadores entrevistados para aquele trabalho,

as mulheres ajudavam em muita coisa. O peixe só era salgado pelas mulheres. Elas faziam renda, faziam uma porção de coisinhas em casa, buscavam água na cacimba, iam na restinga ou iam no morro e vinham com aquele cesto de lenha nas costas, lavavam roupa na mão ou no punho, ensaboava, rebatia, enxaguava e botava no sol pra secar [Sr. Joaquim Torrada] (FERREIRA; FIALHO, 2013, p. 40).

Embora essas informações refiram-se a costumes do passado, ainda é possível ouvir ecos desses D/discursos nas práticas contemporâneas (MARENDINO; CARVALHO, 2013; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / ICMBIO, no prelo). Ou seja, ainda podemos perceber a centralidade da heteronormatividade e da desigualdade entre sexo/gênero na cultura de pesca cabista. Um exemplo disso é que na cultura pesqueira cabista existe a crença de que a mulher estaria “autorizada” a

pescar na modalidade esportiva (MARENDINO; CARVALHO, 2013) e, como tal, não poderia disputar territórios de pesca com homens-pescadores e nem ter direito a comercializar o seu pescado.

Vemos desse modo que, historicamente, essas tradições vêm cerceando os espaços nos quais as mulheres podem atuar, assim como a possibilidade de obtenção de renda com a pesca. Marendino e Carvalho (2013), por exemplo, apontam que as pescadoras cabistas entrevistadas para seu estudo se declaram pescadoras por esporte. Ainda sobre aquela pesquisa, destaco a ênfase dada à pesca de lula, realizada pelas mulheres, justificada no fato de ser uma espécie cuja pesca seria menos pesada e mais fácil para as mulheres. Com isso quero dizer que, embora Marendino e Carvalho (2013) apresentem a saída das mulheres para pescar lula em alto mar e ilustrem conquistas feministas importantes, de algum modo, esse estudo ainda estaria ratificando a primazia masculina no universo da pesca, uma vez que associa os performativos de força e resistência física como atributos apenas masculinos e da pesca profissional e localiza as mulheres no âmbito da pesca esportiva.

Outras pescadoras de Arraial do Cabo contestam essa performance de fragilidade feminina e, como veremos na análise, afirmam que pescam como pescadoras profissionais, que puxam redes pesadas com peixes e que gostam de “serviço de homem”. Nessa discussão, trago, então, visibilidade a mulheres que transgridem os parâmetros performativos de feminilidade e buscam a promoção de igualdade entre sexo/gênero, ocupando espaços e atividades antes exclusivos aos homens.

Todavia, é importante também frisar que essa transgressão ainda é sustentada por D/discursos que ratificam de modo acrítico enunciados performativos de gênero, como, por exemplo, na distinção entre “serviço de homem” e “serviço de mulher”, proposta pelas pescadoras entrevistadas. Desse modo, conquanto busquem a igualdade, as transgressões aqui analisadas ainda tendem a manter binarismos de gênero, posto que não há desestabilização na compreensão de feminilidades e masculinidades como ficções no universo da pesca. Antes da análise de dados, apresento, a seguir, informações sobre os processos de geração de dados.

Metodologia de pesquisa

Os dados para o presente trabalho foram gerados em entrevistas realizadas com pescadoras de Arraial do Cabo. Entendo entrevista como ato de fala (MISHLER, 1986; 1999) e performance D/discursiva (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; PENNYCOOK, 2010), da qual emergem performances de gênero/pesca. Esse entendimento implica compreender a relação entre entrevistador e entrevistado como um ambiente D/discursivo, sujeito a contínuas negociações-interpretações.

Com isto quero dizer que nenhum significado é tomado como único, nem durante a entrevista, nem na análise, posto que a interpretação ora apresentada é apenas *uma perspectiva* dos eventos em questão, fruto de recorte que eu, como pesquisadora faço, no intuito de refletir sobre como os D/discursos de igualdade de gênero na pesca podem ratificar discursos performativos de gênero, associados a práticas heteronormativas e falocêntricas⁹.

Sobre a geração de dados, vale citar que a pesca em Arraial do Cabo é caracterizada por uma heterogeneidade de modalidades de pesca (BRITTO, 1999; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / ICMBIO, no prelo). Não obstante, haveria um predomínio das modalidades consideradas tradicionais, como pesca de canoa (grande) de rede, canoa de pesca de linha e canoa pequena para redinha de lula. Essas modalidades continuam sendo exercidas predominantemente por homens. Existe também a pesca nos botes motorizados, nos caícos e nas traineiras, assim como a pesca de linha nas pedras, mariscagem, maricultura e pesca de lula com zangarejo¹⁰, realizadas também por mulheres.

Em dezembro de 2012, dei início ao processo de geração de dados para minha tese de doutoramento. As pescadoras aqui analisadas são Vanda¹¹ (cabista, parda, casada e com 61 anos) e Antonia (cabista, parda, divorciada e com 37 anos), pescadoras da lagoa de Araruama. A entrevista foi realizada no entreposto de pesca onde Antonia e Vanda trabalham. Destaco, por fim, que as convenções utilizadas na transcrição são orientadas por Schnack, Pisoni e Ostermann (2005) e não pretendem ser um reflexo do ocorrido (GARCEZ, 2002; BLOMMAERT, 2005), mas um recorte

⁹ Falogocentrismo é um termo cunhado por Judith Butler (1990), que implica a junção de um símbolo masculino (o falo) com o pensamento logocêntrico da modernidade.

¹⁰ Zangarejo é um instrumento utilizado na pesca de lula.

¹¹ Por se tratar de uma discussão com ênfase sobre performances de gênero, optei por utilizar nomes próprios na transcrição dos dados. Todavia, os nomes escolhidos são fictícios por questões éticas de pesquisa (Garcez, 2002). Além disso, as entrevistadas foram esclarecidas sobre os objetivos do estudo e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com as Normas da Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde.

de dados no qual já é possível identificar o processo de análise (GARCEZ, 2002). Como categoria de análise, proponho-me a utilizar *footing*¹² (GOFFMAN, 1979/2002), com o objetivo de trazer visibilidade aos modos como mulheres projetam e legitimam suas performances de pescadoras. Os critérios para seleção dos trechos analisados envolvem, então, a identificação de performances de gênero/pesca como forma de legitimar a *footing* de pescadora.

Análise de dados

Por saber que é comum na pesca local a exaltação dos saberes sobre os ventos e marés na definição de um dia apropriado para pesca (FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013), na cena 1, pergunto como seria definido um bom dia pra pesca.

CENA 1

01	Cida: e como é que é um dia de pesca / assim / como é que vocês se organizam ↓
02	assim / HOJE TÁ BOM PRA PESCA! / como é que vocês sabem que hoje tá bom pra
03	PESca? / como é que vocês se organizam pra sair / como é que é isso?
04	Vanda: isso é uma beleza (risos) /
05	Antônia: ↑o vento tem que tá ↑ca::lmu /
06]
07	Vanda: ↑o vento tem que tá ↑ca::lmu /
08	Antônia: não (inaud)
09	Vanda: ↑se não a gente quebra o barco / a gente vê o peixe pulá / vê onde o peixe
10	está / aí meu marido diz “vamo jogá a rede aqui!” / aí a gente joga a rede / a gente
11	cerca / só de cercá e vê o peixe / já pulando no centro da rede / é uma maraVILHA
12	pra gente / a gente fica feliz da vida! / Aparecida / não tem coisa melhor do que pescá
13	/ (risos) /
14	Antonia: ↓é um prazer↓
15	Vanda: é o maior prazer / eu amo pescaria / eu amo pescaria / gosto muito↓

¹² *Footing* é um conceito de Goffman (1979/2002) que diz respeito ao posicionamento ou alinhamento assumido pelos participantes de dada prática D/discursiva. Esse posicionamento ou alinhamento é feito sempre em relação a três instâncias: à alteridade, a si mesmo e ao discurso em negociação. Segundo Goffman (1979/2002, p. 113) “uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes”. Semelhante a Moita Lopes (2009a), vejo ganhos em associar a noção de posicionamento/*footing* à de performance de gênero, pois, quando alguém projeta para si um *footing* ou posicionamento interacional, essa pessoa está repetindo e reencenando uma performance já citada por outros (MOITA LOPES, 2009b). Embora reconheça que essa repetição nunca será idêntica, porque a performatividade sempre abre espaço para a novidade, o reconhecimento de dada performance implica a identificação de performativos em negociação. Nesse sentido, acredito que o construto de *footing* seja útil para ilustrar a dinamicidade desses posicionamentos provisórios.

16	Cida: e aí / puxar a rede / é difícil / na hora de puxar é mais o marido? /
17	Antônia: eu acho que é muito peSAdo↑ /
18	Vanda: eu puxo sozinha! /
19	Antônia: eu acho muito pesado pra uma mulé fazê / mas faz↑ /
20	Vanda: eu puxo! / puxo sozinha /
21	Antônia: é cansativo / cansa os braço /
22	Vanda: tenho calos nos dedos / os dedos são cheio de calo / de pegar a rede assim
23	Antônia: é:: /
24	Vanda: os dedos são cheio de calo / de pegar a rede assim
25	Antonia: é a ↑rede / você pensa assim “isso num vai acabar / num vai acabar” cê vê a
26	bóia lá / mas você puxa puxa puxa / e a bóia ta lá / a bóia ta lá / puxa puxa puxa / e
27	meu Deus↓=
28	Vanda: é mil e quinhentos metros a dois mil metros / tem vez que é dois mil e pouco
29	metro de rede /
30	Antônia: você parece que nunca vai acabá↓
31	Cida: (risos)
32	Vanda: isso tudo FAZ PARTE da pescaria! Faz parte da pescaria
33	Antônia: é verdade↓
34	Cida: mas aí na hora de puxar é todo mundo junto /
35	Vanda: ↑Não! Não!
36]
37	Antônia: é só uma /
38]
39	Cida: é só uma pessoa que puxa? /
40]
41	Vanda: ↑é só uma / é só eu que puxo / e meu marido guia o barco /
42	Antonia: facilita no remo né / pra você puxá /
43	Cida: porque na verdade / vão poucas pessoas ↓ / vão quantas pessoas? =
44	Antônia: =só duas
45]
46	Cida: só duas pessoas / entendi /
47	Vanda: ele rema o barco / o barco vai andando / vai seguindo a rede e eu vou
48	puxando / vô puxando / aí vai fazendo (.) aquela trouxa de rede / vai apertando pra
49	poder cabê / (inaud) / mas é gostoso ↓
50	Antônia: é gostoso↓ / mas é bem cansativo↓ /
51	Vanda: é cansativo / você chega cansada /
52	Antônia: porque lá no Arraial / o pessoal / a maioria das mulheres / é de linha né?
53	Cida: ↑é / isso tá até nas outras perguntas que eu ia fazê
54	Antonia: aqui↑ /
55	Cida: eu queria saber se aqui era de linha / se era de zangarejo / se era de rede::
56	Antônia: ↑Não! / é de rede! / aqui é mais ↑rede / então / é BEM mais cansativo / aqui
57	é pescadora memo / lá é mais ou menos / (...) / porque de linha é mais fácil / você
58	joga uma linha / e é mais fácil / agora puxa a rede (.) / com peixe ainda (.)
59	Cida: sim / porque o peixe vai pesá naturalmente né /

(Entrevista com Antonia e Vanda em 24. 01. 14)

Ao propor a pergunta “como é que vocês sabem que hoje tá bom pra PESca?”, nas linhas 02 e 03, eu projeto para Vanda e Antonia um *footing* de pescadora profissional esperando que elas repitam os saberes que ouvi e aprendi com os pescadores tradicionais (FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013). Em outras

palavras, eu as reconhecia como pescadoras profissionais e trazia destaque a saberes da pesca e não necessariamente a questões de gênero. Nas linhas 05 e 07, Vanda e Antonia se alternam e sobrepõem ao responder sobre as condições do vento. Já entre as linhas 09 e 13, Vanda encena uma performance de pescadora em ação, junto do seu marido.

Essa interpretação pode ser observada nos itens lexicais “se não a gente quebra o barco / a gente vê o peixe pulá”, que indexam uma ação conjunta na pesca. Vale notar, no entanto, que nessa mesma performance Vanda projeta para seu marido um *footing* de maior autoridade, de quem dá o comando para ação, quando ela enuncia “aí meu marido diz “vamo jogá a rede aqui!”/ aí a gente joga a rede” (linha 10). Ou seja, poderíamos dizer que embora ambos joguem a rede e pesquem em conjunto, as decisões são tomadas pela figura masculina.

De certo modo corroborando essa superioridade, na linha 16, eu pergunto sobre a puxada de rede – “na hora de puxar é mais o marido?” – também projetando para o homem um *footing* de maior força física, típico do ideal de masculinidade. Em contrapartida, acabo ratificando e projetando para Vanda um *footing* de submissão às orientações do marido e de menor força/resistência física.

Antonia ratifica os *footings* que proponho dizendo, na linha 17, “acho que é muito peSAdo↑”. Vale destacar o alteamento do seu tom de voz ao final da enunciação, indicando ênfase na ideia de que puxar a rede é uma atividade desgastante para a mulher. Todavia, Vanda, na linha 18, enuncia que puxa a rede sozinha, projetando um *footing* de força física, associada a performativos de masculinidades e, curiosamente, na linha 19, Antonia realinha seu posicionamento ao propor que puxar a rede é uma atividade pesada, mas que as mulheres fazem.

Ou seja, o recurso semiótico adversativo em “mas faz↑” (linha 19) indica esse realinhamento de Antonia, pois, embora tenha projetado um *footing* inicial de fragilidade para a mulher, em seguida ela enuncia que também desempenha atividades que requerem grande força física. Gostaria de destacar o item “sozinha”, no enunciado de Vanda, posto que ele também indexa esse ideal de força e autonomia. Essa performance de ideais de masculinidade ganha maior evidência porque, ecoando os códigos técnico-semióticos citados anteriormente, na linha 22, Vanda enuncia “tenho calos nos dedos / os dedos são cheio de calo / de pegar a rede

assim” e reafirma, na linha 24, “os dedos são cheio de calo / de pegar a rede assim”, indexando significados de força física e de marcas corpóreas da sua atividade.

Antonia, então, se realinha e ratifica o *footing* de força masculina e, a partir da linha 25, Antonia e Vanda se revezam na encenação de performance de pescadora em ação, projetando *footing* de força e resistência física para essa performance. Na linha 26, a repetição que Antonia faz em “você puxa puxa puxa”, duas vezes seguidas, indexa não somente a agilidade na repetição do movimento de puxar a rede para dentro do barco, como também a força e resistência física necessárias para fazê-lo, especialmente se associarmos à enunciação “isso num vai acabar / num vai acabar” e “e meu Deus↓=”, respectivamente nas linhas 25 e 27.

Ou seja, embora inicialmente Antonia tenha projetado um *footing* de menor resistência física para as mulheres na pesca, em seguida, ela se realinha com Vanda e encena performances de pescadora, nas quais podemos perceber a reivindicação de uma igualdade na ação de homens e mulheres na pesca. Vanda ratifica o realinhamento de Antonia ao informar a extensão da rede a ser puxada pela pescadora, nas linhas 28 e 29, dizendo que “é mil e quinhentos metros a dois mil metros / tem vez que é dois mil e pouco metro de rede”.

Mais à frente, quando enuncio “mas aí na hora de puxar é todo mundo junto” (linha 34), podemos perceber que eu ainda não estava reconhecendo (e nem ratificando) o *footing* de mulher-pescadora fisicamente forte, porque volto a perguntar pela participação do marido, indexada pelos recursos “é todo mundo junto”. De outro modo, eu não estava ratificando a performance de igualdade de força física. Imediatamente, Vanda me interrompe, em um tom enfático e negativo, “↑Não! Não! ↑” (linha 35), sendo ratificada por Antonia, que informa que somente uma pessoa puxa a rede para dentro do barco, na linha 36.

Na linha 41, Vanda repete a afirmação de que somente ela puxa a rede com os peixes para dentro do barco – “↑é só uma / é só eu que puxo / e meu marido guia o barco” – e, com o recurso semiótico “só”, ela exclui a participação do marido (ou de outra pessoa) na ação, enfatizando, portanto, seu vigor físico. Se, conforme apontado anteriormente, Linsker e Tassara acreditam que as mulheres não são autorizadas a pescar em função da “fragilidade física natural feminina” (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 67), nessa performance, vemos Vanda projetar para si um *footing* de mulher tão forte fisicamente quanto um homem pescador.

Em seguida, Antonia tece comentários sobre a parceria de ação entre homem e mulher no momento da puxada de rede, ao dizer que o homem posiciona o barco de forma adequada para facilitar a ação da pescadora de puxar a rede – “facilita no remo né / pra você puxá”. Vanda ratifica esse *footing* projetado para homem-pescador e mulher-pescadora trabalhando com paralelismo de força e iniciativa e, em seguida, narra que o marido “rema o barco / o barco vai andando / vai seguindo a rede e eu vou puxando / vô puxando” (linhas 47 a 49).

Ressalto aqui, então, essa parceria de forças e relação de igualdade entre a atividade exercida pelo homem e pela mulher nessa performance. Além de projetar um *footing* de força e resistência física para a mulher, rompendo com a visão de fragilidade feminina, essa igualdade pode ser ratificada pelo marcador discursivo “e”, com ideia de adição e paralelismo, em “o barco vai andando / vai seguindo a rede e eu vou puxando”. Em seguida, Antonia corrobora uma vez mais essas características típicas do performativo de masculinidade, ao comparar a pesca de rede realizada por ela e Vanda, na lagoa, com a pesca de linha, realizada por outras pescadoras, como as citadas em Marendino e Carvalho (2013).

Assim, na linha 52, Antonia enuncia “porque lá no Arraial / o pessoal / a maioria das mulheres / é de linha né?”. Mais à frente, nas linhas 56 a 58, ela prossegue afirmando “aqui é mais ↑rede / então / é BEM mais cansativo / aqui é pescadora memo / lá é mais ou menos / (...) / porque de linha é mais fácil / você joga uma linha / e é mais fácil / agora puxá a rede (.) / com peixe ainda (.)”. Nesse trecho, ao enunciar “lá” e “aqui”, Antonia define dois cronótopos de pesca e *footings* distintos para as pescadoras da cidade.

De um lado, temos a pesca de linha, pouco valorizada por Antonia, que localiza a mulher-pescadora em um tempo-espço de maior fragilidade e menor vigor, comum ao pensamento patriarcal, como vemos na linha 57 “porque de linha é mais fácil”. Em contrapartida, o item “agora” sugere um contraste de ideias, quando Antonia propõe “agora / puxa a rede (.) / com peixe ainda (.)” (linha 58). Nesse caso, temos a pesca de rede, valorizada por Antonia, que tem como modelo de performance os códigos técnico-semióticos de força e resistência física, associados às masculinidades e sua maior possibilidade de agência. O que está em jogo nesses *footings*, portanto, é a força física associada ao performativo de masculinidades, como critério para definição e legitimação da performance de pescadora profissional.

Essa interpretação pode ser também reforçada por meio dos recursos semióticos “memo”, para enfatizar a qualidade de algo, e “mais ou menos”, para exprimir dúvida, quando Antonia contrapõe as duas modalidades de pesca – de linha e de rede – “aqui é pescadora memo / lá é mais ou menos” (linhas 56-57). Ou seja, nessa cena, para ser reconhecida como pescadora “de verdade” é necessário encenar performances de força e ânimo físico, que Vanda e Antonia encenam, e clamar pela igualdade de oportunidades e de ação entre homens e mulheres.

Na cena a seguir, contudo, poderemos observar que ao reivindicar igualdade com os homens e encenar performances de força masculina na pesca, Vanda e Antonia citam alguns cronótopos específicos para masculinidades e feminilidades, nos D/discursos da pesca de Arraial, e propõem a distinção entre “serviço de homem” e “serviço de mulher”.

CENA 2

01	Vanda: graças a Deus / os homi tão perdendo aquele preconceito de que mulé não
02	tem que trabalhá / e nós tamo começando a trabalhá e fazê a nossa obra / entendeu /
03	tanto faz uma coisa como outra / se dé pra gente fazê / a gente faz / (...)
04	
05	(16 linhas de transcrição omitidas)
06	
07	Antonia: eu gosto de fazê coisa de homi / (risos) / num gosto de fazê coisa de mulé
08	Cida: sim / mas cada um tem um gosto / mesmo
09	Antonia: é / cada um tem um gosto /
10	Cida: e aí / é bom quando a gente pode fazê o que a gente gosta /
11	
12	(31 linhas de transcrição omitidas)
13	
14	Antonia: aí / eu gosto mais de serviço de homi (inaud) /
15]
16	Vanda: tipo serviço de homi
17]
18	Cida: e o que qui é serviço de homi e serviço de mulé?
19]
20	Antonia: tenho até vergonha de falá /
21	Cida: não! / não tem isso de tê vergonha
22	Vanda: serviço de mulé é ser dona de casa↑ / ser dona de casa
23	Cida: serviço de mulé é ser dona de casa?↓
24	Vanda: que eu já num to gostando mais / (...) / vou chegá em casa / eu vô saí daqui
25	correndo comprá legume / fazê legume / fazê peixe / fazê tudo dentro de casa / (...) /
26	(inaud) / agora não / chega assim e fala “vamo pra lagoa!” / (.) / eu esqueço até de
27	comida em casa / Cida! /
	(Entrevista com Antonia e Vanda em 24. 01. 14)

Nesse momento, discutíamos os possíveis preconceitos e dificuldades que as pescadoras enfrentam no seu dia a dia. Vanda, nas linhas 01 e 02, enuncia que “os homi tão perdendo aquele preconceito de que mulé não tem que trabalhá”. Essa afirmação indexa uma relação desigual entre os gêneros com um *footing* de superioridade e autoridade para os homens, que decidiriam se as mulheres podem trabalhar ou não. Ou seja, há menção a um cronótopos relacionado ao pensamento patriarcal que localiza a mulher na vida doméstica e de forma submissa ao homem. Embora Vanda esteja criticando esse cronótopos, não podemos esquecer que a expressão “os homi tão perdendo” indexa uma ação em andamento e que ainda não está concluída. Dito de outro modo, ainda persistem, nessa localidade, ecos e práticas do pensamento patriarcal. Tanto é assim que, nas linhas subsequentes, vemos Vanda e Antonia propondo o binarismo “coisa de homem” e “coisa de mulher”.

Essa dicotomia ganha evidência quando, nas linhas 07 e 14, Antonia afirma “eu gosto de fazê coisa de homi / (risos) / num gosto de fazê coisa de mulé”. Vanda corrobora essa divisão ao afirmar “tipo serviço de homi” (linha 16). Em seguida, pergunto às pescadoras o que seria essa divisão entre serviço de homem e de mulher. Vanda prontamente me responde que “serviço de mulé é ser dona de casa↑ / ser dona de casa (...) eu vô saí daqui correndo comprá legume / fazê legume / fazê peixe / fazê tudo dentro de casa” (linhas 22, 24 e 25).

Frente a isso, podemos dizer que Vanda e Antonia têm consciência de que há um cronótopos nessa localidade que propõe uma relação desigual e subserviente para as performances de feminilidade. Todavia, podemos igualmente ver que ambas as pescadoras transgridem esse cronótopos, encenando performances antes permitidas exclusivamente aos homens, sugerindo, ainda, satisfação com essa transgressão, ao enunciar “agora não / chega assim e fala “vamo pra lagoa!” / (.) / eu esqueço até de comida em casa / Cida!” (linhas 26 e 27).

Em outras palavras, por meio do recurso semiótico “agora”, Vanda propõe uma construção adversativa, na qual ela encena uma nova performance de feminilidade, projetando para si o *footing* de uma mulher autônoma que abandona a vida doméstica para ir pescar e clamando por pelo reconhecimento de igualdade de ação na pesca. Se na cena anterior, Vanda já transgride a ficção de fragilidade feminina, aqui ela novamente desobedece aos performativos de gênero, ao encenar performances de abandono da vida doméstica para ir pescar. Todavia, não podemos deixar de

reconhecer que essa transgressão ainda não desestabiliza a matriz de inteligibilidade de gênero local, porque como vemos na linha 22, no D/discurso local, Vanda enuncia que “serviço de mulé é ser dona de casa”.

Diante desses dados, embora reconheça a validade das performances transgressivas de Vanda e Antonia, essas transgressões não chegam a questionar o que significa ser “homem” e/ou “mulher”, nem tampouco avançam em ver esses significados como ficção performativa. Mais problemático ainda é a confirmação dos performativos de gênero, que subjaz ao pleito por igualdade, quando há a sugestão de que a mulher que pesca estaria fazendo “serviço de homem”. Antonia, inclusive, se mostra incomodada ao projetar para si um *footing* de masculinidade, quando enuncia “tenho até vergonha de falá” (linha 20). Ou seja, as cenas 1 e 2 ilustram como transgressões e D/discursos de igualdade de gêneros, no universo da pesca, podem, por vezes, colaborar na manutenção dos enunciados performativos de gênero, ao invés de desestabilizá-los.

Com essas cenas, gostaria de problematizar o fato de que, embora a atuação dessas mulheres pescadoras em embarcações possa significar uma mudança importante na divisão de cronótopos generificados e em prol da igualdade de gêneros na pesca, essas transgressões não chegam a desestabilizar os significados do que seria “ser homem” ou “ser mulher”. Para serem legitimadas como pescadoras profissionais, essas pescadoras ainda repetem e encenam performances associadas aos atos performativos de masculinidade e mantém a cisão entre o que seria “serviço de homem” e “serviço de mulher”. Assim, como já citado em referência a Jenks (2003), a transgressão de uma fronteira paradoxalmente pode significar sua reafirmação.

Nesse sentido, os discursos performativos de gênero, nas cenas aqui analisadas, não são desestabilizados pela participação e pela corporeidade feminina na pesca. Inclusive, ao não legitimar as mulheres que pescam de linha, por aparentarem maior fragilidade, essas duas pescadoras acabam enfraquecendo a possibilidade de reconhecimento e fortalecimento das performances de pescadora. Dito de outro modo, as mulheres pescadoras aqui analisadas se acomodam nos parâmetros performativos e ficções de masculinidade, mas acabam ratificando a existência de cronótopos generificados para homens e mulheres em Arraial do Cabo.

Considerações finais

O título do presente trabalho é um enunciado também presente em outro momento da entrevista. Quando Antonia me diz “eles num vê uma mulhé na água” e Vanda complementa “eles vê como se fosse um homem”, podemos, novamente, perceber o D/discurso de reivindicação de igualdade entre homens e mulheres na pesca em embarcações de Arraial do Cabo. Conforme já apontado, contudo, esse D/discurso de igualdade tem como centro legitimador a performance de masculinidade, na qual a presença de mulheres pescadoras parece não significar qualquer desestabilização do que sejam essas ficções de masculino e feminino.

Em outras palavras, poderíamos dizer que o D/discurso de igualdade, neste caso, seria uma apropriação acrítica das reflexões sobre gênero na sociedade e uma ratificação dos limites e fronteiras nas performances de gênero. Essa ratificação pode ser observada no fato de que, para Antonia e Vanda, ser pescadora significa fazer “serviço de homem”. Elas podem ser consideradas pescadoras-transgressoras dos performativos de gênero, mas a encenação dessas performances não chega a desestabilizar a matriz de inteligibilidade de gênero local, porque essas performances somente são possíveis dentro da estrutura familiar heteronormativa¹³.

Acredito que uma maneira alternativa de superar esse uso acrítico das questões de gênero seria o conceito de desconstrução de Derrida. Para esse filósofo, “a desconstrução não consiste em passar de um conceito a outro, mas em subverter e deslocar uma ordem conceitual” (DERRIDA, 1977, p. 21). Derrida e McDonald (1982) ratificam, por conseguinte, a necessidade de um exercício de desconstrução mais profundo, no qual um ‘novo’ conceito, fora do binarismo, seja forjado.

Butler (1990) já buscava um deslocamento do pensamento dual acerca dos gêneros, problematizando os modos como os gêneros são inventados e estabilizados em relação a regimes de saber/poder (BUTLER, 2001). Em diálogo com o pensamento butleriano, venho desenvolvendo em minha tese de doutoramento e defendo que esse “novo conceito” poderia ser a performance fronteira. Minh-há (1992), Bhabha (1998), Mignolo, (2000/2003) e Moita Lopes (2010) são alguns

¹³ Conforme já apontado, o núcleo familiar heteronormativo ainda é forte na cidade de Arraial. Em outro trecho da entrevista, Antonia chega a me informar que não pesca mais porque é divorciada e que Vanda continua pescando “porque é casada↑ / é diferente / o marido leva / agora / quem não é:: fica meio chato / né / (...) / porque ia ficar chato a mulé [dele] sabê que eu / uma mulé / né / fui cum o marido dela / pescá / fica chato né!”.

autorxs que igualmente defendem os benefícios éticos e epistemológicos do “estar na fronteira”. Esses hibridismos e “entre-lugares”, além de não fixos, colocam em suspensão os limites claramente definidos dos binarismos de gênero. Tal posicionamento implica não assumir nenhum dos lados de uma fronteira, mas ambos de uma só vez de forma ambígua, contraditória, instável e opaca (MOITA LOPES; BASTOS, 2010; LOURO, 2010).

Corroborando essa defesa, Minh-há (1992) e Butler (2001) afirmam que, embora a noção de identidade seja necessária para proposição, por exemplo, de políticas públicas, nós não devemos nos limitar a essa noção e, principalmente, se a utilizarmos, “devemos sujeitar nossas categorias ao escrutínio crítico” (BUTLER, 2001, p. 23). Desse modo, embora estudos como o de Marendino e Carvalho (2013) ilustrem avanços na inserção da figura feminina na pesca em embarcações em Arraial do Cabo, advogo ser necessária uma reflexão maior e mais aprofundada sobre as relações entre performances de gênero e performances de pescadorxs, assim como uma desestabilização das ficções de masculinidades e feminilidades associadas a essas culturas.

Nesse sentido, para além da reivindicação da igualdade de gênero, acredito que deveremos promover desestabilizações acerca das visões essencializadas sobre o que significa ser homem-pescador ou mulher-pescadora em Arraial do Cabo e dos cronótopos em que esses sujeitos são culturalmente localizados. O presente trabalho, por conseguinte, visa contribuir com essas reflexões alertando para usos acríticos dos D/discursos de igualdade de gêneros, que podem acabar ratificando as visões essencializadas que deveriam abalar e extinguir.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. Conferência 2. In.: *Quando dizer é fazer*. Palavras e Ação. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962/1990.

BAKHTIN, Mikhail. Forms of time and the chronotope in the novel. In.: _____. *The dialogic imagination*. Austin. University of Texas Press. p. 84-258, 1981.

BAUMAN, Richard and BRIGGS, Charles. Introduction; Making language and making it safe for science and society. From Francis Bacon to John Locke. In.: _____. *Voices of modernity. Language ideologies and the politics of inequality*. CUP, p. 1-69, 2003.

BHABHA, Homi. K. Introdução: Locais da Cultura. In.: _____. *O local da cultura*. UFMG. p. 19-42, 1998.

BLOMMAERT, Jan. *Discourse: key topics in Sociolinguistics*. Cambridge: CUP, 2005.

BLOMMAERT, Jan. Sociolinguistic scales. In.: *Working Papers in Urban Language and Literacies*. Paper 37. King's College London, p. 1-15, 2006.

BLOMMAERT, Jan. A messy new market place. In.: _____. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 28-62, 2010.

BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. *Modernidade e Tradição – construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo/ RJ*. Niterói: EdUFF, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter. On the discursive limits of sex*. New York & London: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. *Excitable Speech. A politics of the performative*. New York & London: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. The question of social transformation; Transformative Encounters. In.: Butler, J. [et.al.] *Women & Social Transformation* (Counterpoints, vol. 242), 2001.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York & London: Routledge, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Jangada. Uma pesquisa etnográfica*. Editora Global, 2002.

CAVALCANTI, Diego Rocha Medeiros. Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano. In.: *Fazendo gênero 8: corpo, violência e poder*. Florianópolis, 2008. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Diego_Rocha_Medeiros_Cavalcanti_64.pdf>. Acesso em: 28 de jul. 2017, 14:31.

CHANTER, Tina. *Gênero: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COLAÇO, José Dias Neto; VOGEL, Arno.; VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. História de pescador: O direito do ponto de vista nativo. *Revista Arquivos de Direito*, v.1, n. 9, p. 57-78, jan., 2007.

DERRIDA, Jacques. Signature Event Context. In.: _____. *Limited Inc*. Evanston, Northwestern University Press, p. 1-23, 1977.

DERRIDA, Jacques and MCDONALD, Christie V. Interview. *Choreographies. Diacritics*, vol. 12. Johns Hopkins University Press, p. 66-76, 1982.

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes. “Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra”: uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. *Revista História Oral – Dossiê: “História, Natureza, Cultura e Oralidade”*. vol. 1, n. 15, p. 9-34. jan-jun. 2012. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=240&path%5B%5D=275>>. Acesso em: 28 de jul. 2017, 14:41.

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes e FIALHO, Ronaldo Miranda. *Nas redes de saberes e histórias*. Rio de Janeiro: União Nacional de Autores, 2013.

FONTENELLE, Luis Fernando Raposo. *A dinâmica dos grupos domésticos no Arraial do Cabo*. Brasil. Rio de Janeiro, 1960.

GARCEZ, Pedro de Moraes. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In.: MOITA LOPES, L.P e BASTOS, L. C. (Org.). *Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, p.83-95, 2002.

GEE, James Paul. Introduction. In.: _____. *An introduction to discourse analysis Theory and Method*. London and New York. Routledge, p. 1-10, 1999.

GOFFMAN, Erving. Footing. In.: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo. Ed. Loyola, p. 107-148, 1979/2002.

GUBRIUM, Jaber F. e HOLSTEIN, James A. Postmodern sensibilities. In.: _____. *Postmodern Interviewing*. SAGE Publications, p. 3-20, 2003.

JENKS, Chris. Whither transgression? In: _____. *Transgression*. Routledge, p. 1-14, 2003.

LINSKER, Roberto e TASSARA, Helena. *O mar é uma outra terra*. São Paulo. Terra Virgem, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos II. In.: MOITA LOPES, L. P. da e BASTOS, L. C. (Orgs.) *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. SP: AnnaBlume, 1993.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Pensamento Liminar e Saberes Subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000/2003.

MINH-HÁ, Trinh. From a Hybrid Place. In.: _____. *Framer Framed*. Routledge, p. 137-148, 1992.

MINH-HÁ, Trinh e PARMAR, Pratibha. Woman, Native, Other. In.: *Feminist Review*, No. 36 (Autumn), p. 65-74, 1990.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / ICMBIO. *Relatório de Trabalho – Acordo de Gestão*. RESEXMAR – AC. 124 fls. no prelo.

MISHLER, Elliot G. *Research Interviewing. Context and Narrative*. Harvard University Press. USA, 1986.

MISHLER, Elliot G. *Storylines. Craftartists' narratives of identity*. London Harvard University Press, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da ANPOLL*, 27, p. 129-157, 2009a.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. In.: *Gragoatá*. Publicação dos Programas de Pós- Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, 2009b.

MONTROSE, Louis. The work of gender in the discourse of discovery. In.: *Representations*, No. 33, Special Issue: The New World (Winter), p. 1-41, 1991.

PENNYCOOK, Alastair. Para uma Linguística Aplicada transgressiva. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo. Parábola, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. The Reverend on Ice again: similarity, difference and relocalization. In.: ---. *Language as a local Practice*. London: Routledge, 2010.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Editorial Espasa Calpe. S. A., 2008.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCHNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMAN, A. C. Transcrição de fala: do evento real à representação da escrita. *Revista Entrelinhas*, Ano II, no. 2, maio/agosto, 2005. Disponível em:

<<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>>. Acesso em 12 de jul, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In.: *The American Historical Review*, Vol. 91, No. 5. (Dec), p. 1053-1075, 1986.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and politics of history. In.: *Cadernos Pagu* (3), p. 11-27, 1994.

SCOTT, Joan Wallach. Preface to the Revised Edition. In.: *Gender and politics of history*. New York. CUP, p. ix-xiv, 2000.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Londres: Penguin, 1990.

SULLIVAN, Nick. *A critical Introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.

VENN, Couze. *Occidentalism. Modernity and Subjectivity*. Londres. SAGE, 2000.

Texto recebido em: 23-09-2016.

Texto aprovado em: 05/05/2017.